

3 — DOCTRINA NACIONAL

REFLEXÕES A PARTIR DA SUÁSTICA

ADAUTO SUANNES

A Lei 8.882/94 vem de introduzir alteração no art. 20 da Lei 7.716/89, definidora dos crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor, assim dispondo: "incorre nas mesmas penas quem fabricar, comercializar ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo".

A primeira estranheza que o novo dispositivo traz é que não se cuida aí da proibição de divulgação do nazismo, mas da utilização da cruz suástica com tal finalidade.

Pode o legislador, com fundamento no contido no art. 5.º, XLII, da Constituição Federal, que fala em prática do racismo, proibir a fabricação de um mero símbolo, quando o inciso IV do mesmo art. 5.º assegura a liberdade de pensamento? Usar um mero símbolo será praticar algum ato de racismo?

Nossa indagação, porém, não pretende seguir essa trilha. O que nos interessa é levar o leitor a uma viagem pelo campo dos símbolos.

Que é, porém, um símbolo?

Na linguagem dos dicionários, é um sinal que substitui ou representa outra coisa. Assim, dizem eles, a pomba é o símbolo universal da paz, da mesma forma como a cruz é o símbolo do Cristianismo. Aliás, a expressão Nazi, enquanto abreviatura de Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, é, em si mesmo, um sinal gráfico, que, em lugar de ser elaborado com desenho, é composto por letras.

Pode-se dizer que a palavra símbolo, de origem grega, tem como correspondente na língua latina o termo *signum*, que nos deu tantas palavras em português, como a óbvia sino, cujas badaladas indicavam (ou representavam outrora) o momento da oração. Ao ouvir o som do sino, o crente lembrava-se do seu dever de orar. Os sinais (que nem sempre necessitam de ser visuais, bastando que sejam recolhidos pelos sentidos, como se dá com o alfabeto Braile) contêm em si tudo o que exigiria muitas palavras para ser expresso, sendo a semiologia exatamente a ciência dos signos, sem os quais não haveria a linguagem. O fato de os ideogramas de línguas orientais conterem em si esse referencial simbólico de modo mais óbvio do que o alfabeto ocidental não exclui o caráter simbólico das letras que utilizamos em nossa comunicação escrita.

Carl Jung e colaboradores publicaram interessante estudo, onde dissecam o sentido profundo e a importância dos símbolos na vida dos seres humanos (cf. "O Homem e seus Símbolos", ed. Nova Fronteira). No campo da psiquiatria, reconhece ela a importância de Freud e Breuer na demonstração de que muitos sintomas neuróticos "tem, na verdade, uma significação simbólica", cabendo ao psicoterapeuta ler a mensagem cifrada que o paciente tenta expressar, simbolicamente, seja por intermédio das imagens oníricas, seja por intermédio de somatizações (manifestações físicas de distúrbios psíquicos).

"Um paciente, por exemplo, que enfrenta uma situação intolerável pode ter

espasmos cada vez tenta engolir: ele não pode engolir aquela situação. Em condições psicológicas análogas, outro paciente terá acesso de asma: ele não pode respirar a atmosfera de sua casa. Um terceiro sofre de estranha paralisia nas pernas: não pode andar, isto é, não pode continuar assim. Um quarto paciente, que vomita o que come, não pode digerir um determinado fato" ("Chegando ao Inconsciente", p. 26 da obra citada).

Já ousamos publicar uma despretensiosa crônica, onde abordávamos, jocosamente, alguns corriqueiros símbolos fálicos, que tomamos a liberdade de reproduzir:

"Você está dormindo e sonha. Um bispo, sentado em seu trono, mitra na cabeça, exhibe o báculo, ostensivamente. As senhoras presentes genufletam, respeitosamente diante dele. Ao fundo, sobre a nave, o maestro empunha a batuta, e, a um sinal do báculo, agita o instrumento, para êxtase dos presentes. É o casamento de um cadete. No corredor principal, colegas do noivo, frente a frente, descumprem a ordem latina dada por Cristo a Pedro (*mitte gladio in vagina*). Ao reverso, tiram da bacia o espadim e cruzam-nos, dois a dois, formando um arco, sob o qual passarão os noivos. Que, certamente, terão muitos filhos. Fora, um canhão dispara salvas de tiro. As donzelas aplaudem, excitadíssimas. O povo, entretanto, munindo-se de pedaços de paus e cacetes, tenta penetrar no templo, que tem a porta ovalada. A guarda, vestida de branco, posta-se diante da porta, para impedir a violação do templo do amor. Com os fuzis na mão, os guardas calam neles as baionetas, em posição de combate. Frente a frente os grupos contendores, aparece o juiz da comarca, exibindo a vara, símbolo de sua jurisdição. O prefeito dirige-se ao microfone, que tem a cabeça como uma glândula coberta de uma malha de aço. De microfone na mão, ele agita o dedo indicador. Dedo em riste, como se diz, ele ameaça os presentes. Você acorda com

um barulho. Um livro do velho Freud caíra da prateleira com estardalhaço. Apalermado, meio sonolento, você vê o homem de barba branca e olhar maroto sair das páginas do alfarrábio. Soltando bafaradas de fumo, ele lhe repete a lição que dera aos jovens na saída do teatro, em Viena: meu filho, por vezes, um charuto simboliza apenas um charuto. Você começa a lembrar-se de que estivera lendo algo sobre a simbologia freudiana. Báculo, batuta, espadim, pau, cacete, vara, dedo em riste, microfone, canhão, fuzil, baioneta. Uma chuva de símbolos fálicos invade seu sonho. Assustado, você vê sobre a mesa de trabalho a estátua de Têmis. Na mão direita ela traz o ainda presente falo da autoridade (vista sob o ponto de vista masculino). Como que envergonhada de sua bissexualidade (na mão esquerda ela traz duas conchas suspensas por correntes, óbvio símbolo da genitália feminina), ela cobre os olhos com uma venda, temerosa de que a balança que traz na mão esquerda (também chamada sinistra) lhe mostre se o *animus* prevalece sobre a *anima*, ou vice-versa. Uma figura andrógina, que não tem coragem de encarar-se, conclui você" (Revista Decisão, n. 2, abril de 1986).

Retornando ao renomado mestre suíço, porém, recordemos sua advertência no sentido de que os símbolos devem ser encarados *cum grano salis*, na medida em que a história pessoal do analisando e a cultura onde ele está imerso podem levar a erro quem se ponha a tirar interpretações dogmáticas (como jocosamente fizemos acima), pois "nenhum símbolo onírico pode ser separado da pessoa que o sonhou, assim como não existem interpretações definitivas e específicas para qualquer sonho" (ob. cit., p. 53).

Campbell, ao tratar superiormente da importância dos mitos, não poderia deixar de abordar o tema de que nos ocupamos, destacando, por exemplo, um símbolo onipresente ao longo das diversas culturas, o círculo, geralmente associado à

psique (cf. Joseph Campbell, "O Poder do Mito", ed. Palas Atenas, n. 121).

René Guénon, estudioso dos movimentos ocultistas, aludindo ao círculo e ao ponto, via nessas duas figuras dois símbolos de importância fundamental: o ponto, inserido no interior do círculo, seria o emblema do Princípio, ao passo que o círculo seria o emblema do Mundo, informando-nos que "é impossível determinar qualquer origem no tempo para o emprego dessa representação, pois ela é encontrada com frequência em objetos pré-históricos" (cf. "Os Símbolos da Ciência Sagrada", ed. Pensamento, p. 52).

E prossegue: "a relação que existe entre o centro e a circunferência, ou entre o que representam respectivamente, já está claramente indicada pelo fato de que a circunferência não poderia existir sem o seu centro, enquanto que esse é absolutamente independente daquela. Tal relação pode ser indicada de modo ainda mais claro e explícito através de raios provenientes do centro e que terminam na circunferência. Esses raios, é evidente, podem ser representados em número variável, pois sua quantidade é indefinida, do mesmo modo que os pontos da circunferência que lhe assinalam as extremidades. Mas, na realidade, escolheu-se sempre, para as representações dessa espécie, números que têm em si próprios um valor simbólico particular. Nesse caso, a forma mais simples é a que apresenta apenas quatro raios dividindo a circunferência em partes iguais, ou seja, dois diâmetros retangulares formando uma cruz no interior dessa circunferência" (ob. e loc. cit.).

Cuidando do simbolismo nas artes plásticas, a junguiana Aniela Jaffé alude também à ancestralidade do símbolo do círculo (e sua representação, a roda, que, sob a forma de "roda solar", aparece em inscrições feitas antes mesmo da invenção da roda!), relacionado com o *self*, com "a totalidade da psique em todos os seus aspectos, incluindo o relacionamen-

to entre o homem e a natureza" (cf. "O Homem e seus Símbolos" citado, p. 240), dando-nos conta de que, segundo uma conceituada autoridade religiosa, "na seita zen, o círculo representa o esclarecimento, a iluminação. Simboliza a perfeição humana" (id., p. 241).

Esse círculo dividido em quatro partes iguais por uma cruz, cujos braços se encontram no ponto central do círculo, era precisamente a figura utilizada por Jung para indicar o que lhe pareciam os quatro tipos funcionais, caracterizadores do modo de ser da consciência, em face dos fatos que lhe são trazidos pela experiência: o pensamento, o sentimento, a sensação e a intuição, termos que, na linguagem junguiana, têm sentido preciso (cf. ob. cit., p. 60) e que aqui estão sendo citados apenas para indicar a força desse símbolo numérico.

Recordemos, a propósito, que quatro são os pontos cardeais, quatro os elementos primários (ar, água, terra e fogo), quatro as estações do ano e quatro são os Evangelistas, que, à sua vez, são indicados simbolicamente por animais em inúmeras obras de arte religiosa: Marcos é representado pelo leão, Lucas identificado com o boi, João com a águia e Mateus simbolizado pelo animal homem.

Onde a tradição cristã foi buscar esses símbolos, que estavam escondidos nos arcanos da Humanidade? Se considerarmos que as cidadelas assírias tinham no portal, lado a lado, a figura de um animal híbrido (rosto de homem, corpo de leão, asas de águia e patas típicas dos taurinos), construídas muito antes do advento do Cristianismo (cf. H.W.Janson, "História da Arte", ed. Martins Fontes, p. 78) e que o profeta Ezequiel, cerca de 600 anos antes da Vida do Messias, já aludia não só a esses quatro seres que "iam e vinham como relâmpagos" (cf. Ez., 1,10 e 14) como afirmava que, na sua visão, trazia cada qual ao lado de si uma roda, que o acompanhava, "pois o espírito dos seres viventes estava nelas" (cf. Ez.,

1.20), veremos que a cruz (o cruzamento das traves interna da roda) é um símbolo muito mais antigo do que se imagina ao associá-la apenas ao sacrifício de Jesus.

É sabido que o próprio Cristianismo é marcado por fatos surpreendentes, onde a inexactidão, por vezes, colide com o dogmatismo que parece ser a característica maior de toda religião, como depositária da verdade.

Em primeiro lugar, Jesus de Nazaré não nasceu no Ano I da Era Cristã como se supunha, mas antes. "Um erro de cálculo de Dionísio, o Jovem (que, no século VI, introduziu a contagem atual), fez coincidir o nascimento de Jesus com o ano 754 de Roma, enquanto que estudos mais profundos posteriores afirmam que Jesus nasceu no ano 747-748 de Roma, isto é, 6 a 7 anos antes da data estabelecida por Dionísio. Resultou disso um fato interessante: o calendário cristão que nós usamos atualmente, ao invés de ter início no nascimento de Jesus, começa 6 a 7 anos depois que Jesus havia nascido" (cf. "O Evangelho de Jesus", ed. Mimep, publicada com o Imprimatur oficial).

Por outro lado, o simbolismo cristão nada tem de original, apresentando-se como apropriação de ritos tradicionais, cuja origem nem sempre é perceptível. Sabe-se que a Páscoa (que etimologicamente significa passagem), como festa cristã, nada mais é do que a recordação da passagem dos judeus desde o cativeiro para a Terra Prometida. Sabe-se hoje que a data de 25 de dezembro, que marca o nascimento de Jesus, era apenas a data da festa do deus Sol, ao qual foi ele assimilado.

Carl Jung relata que teve a oportunidade de presenciar curioso rito praticado por uma tribo primitiva da África: pela manhã, assim que saem de suas cabanas, os nativos sopram ou cospem na palma das mãos, voltando-a, ao depois, em direção ao sol nascente. Indagados porque assim agiam, nenhum deles soube

explicar a origem e a finalidade daquele rito (ob. cit., p. 81).

Pois o Cristianismo usa a palavra espírito para significar o sopro vivificante, que, saindo da boca de Deus, deu ao homem o dom da Vida, na descrição veterotestamentária (cf. Gen., 2, 7). Pregando em parábolas (já em si descrições simbólicas, pois o que importa não é o que é dito mas o que está subentendido), Jesus, segundo Mateus, teria a certa altura curado dois cegos (cf. Mt. 9,27/31), notando-se que esse evangelista se limita a anotar o fato. João, porém, descreve o ritual da cura: "Dito isto, cuspiu no chão, fez com a saliva um pouco de lama, untou com ela os olhos do cego (de nascença) e ordenou-lhe — vai e lava-te na piscina de Siloé (que quer dizer Enviado). Foi, lavou-se e voltou com vista" (Jo 9, 6-7).

Enquanto no Velho Testamento se afirma que Deus simplesmente soprou para dar vida, na narrativa neotestamentária sai da boca do Deus/Homem algo mais do que simplesmente o ar (espírito). O líquido mistura-se com a terra (o *humus* de que foi feito Adão, donde ser ele o protótipo do ser humano) e essa mistura formada do elemento divino (a saliva) e o elemento humano (a terra, de que se fez o Homem) dá visão a quem não enxergava.

Parece evidente que não se trata de um milagre, mas de uma narrativa simbólica, alegórica que o Cristo fez a respeito de si mesmo: saído de Deus, ele desde à Terra, mistura-se aos homens, e se entrega a eles para dar-lhes a visão de uma vida sobrenatural. Siloé (o próprio evangelista nos esclarece que tal palavra significa Enviado, título que cabe perfeitamente a Jesus) dará visão a quem se lavar (tal como lhe fizera João Batista), donde o rito do batismo, como limpeza do pecado natural.

Trata-se, pois, dos mesmos elementos entrevistados por Jung no ritual africano: o sol, o sopro, a saliva, que se interligam (não nos esqueçamos de que religião

vem de *religare*, para significar precisamente esse retorno do homem à sua origem, da qual se afastou quando adquiriu a consciência de si).

Outro símbolo comum ao Cristianismo e às tradições que o antecederam é, como não padece dúvida, a cruz.

“O símbolo central da arte cristã não é a *mandala* (isto é, o círculo), mas a cruz ou o crucifixo. Até a época carolíngia a forma usual era a cruz grega ou equilátera, e, portanto, a *mandala* estava indiretamente envolvida naquele desenho. Mas com o correr do tempo o centro deslocou-se para o alto até que a cruz tomou sua forma latina, com a estaca e o travessão, como se usa até agora”. (Aniela Jaffé, ob. cit., p. 243). É sabido, como lembra a mesma autora, que a elevação do travessão “simboliza a tendência para deslocar da terra o centro do homem e sua fé e elevá-lo a uma esfera espiritual” (ob. e loc. cit.).

“Certas escolas de esoterismo muçulmano”, informa-nos Guénon, “que atribuem à cruz um valor simbólico da maior importância, dão o nome de estação divina (*el-maqâmul-ilâhi*) ao centro da cruz, que designam como o lugar em que se unificam todos os contrários e se resolvem todas as oposições. A idéia que se exprime aqui de modo mais particular é a de equilíbrio, que se identifica à de harmonia; não são duas idéias diferentes, mas apenas dois aspectos de uma mesma idéia” (ob. cit., p. 55).

O mesmo autor assinala que “a própria idéia de roda (rota) evoca de imediato a idéia de rotação, e essa rotação é a representação da mudança contínua a que estão submetidas todas as coisas manifestadas. Nesse movimento, só há um ponto que permanece fixo e imutável: o Centro” (id.).

Se o círculo tem no ponto o centro imutável, já a esfera (seja a terrestre, seja a celeste, pois temos todos a idéia primitiva de que o céu é côncavo), quando em rotação, tem os pontos polares que

permanecem fixos. Assim, o polo está relacionado ao centro, como ponto imutável. Destarte, chega esse autor à conclusão de que a cruz suástica é o símbolo dessa imutabilidade polar, o “signo do Polo”. “Se compararmos a suástica com a figura da cruz inscrita na circunferência, poderemos nos dar conta de que são, no fundo, dois símbolos equivalentes, com a única diferença de que a rotação, ao invés de ser representada pelo traçado da circunferência, é apenas indicada na suástica por linhas acrescentadas às extremidades dos braços da cruz em ângulos retos; essas linhas são tangentes à circunferência, marcando a direção do movimento nos pontos correspondentes. Como a circunferência representa o Mundo, o fato de se encontrar subentendida indica claramente que a suástica não é uma representação do Mundo, mas sim da ação do Princípio em relação ao Mundo” (ob. cit., p. 57).

E conclui: “a suástica, longe de ser exclusivamente oriental, como se acreditou algumas vezes, é, na realidade, um daqueles símbolos muito difundidos, sendo encontrado em quase toda parte, do Extremo Oriente ao Extremo Ocidente, pois existe até em certos povos indígenas da América do Norte. Na época atual (note-se que o artigo foi escrito em 1926), conservou-se em particular na Índia e na Ásia Central e Oriental e é provável que apenas nessas regiões exista quem saiba ainda o que ela significa. Do mesmo modo que o centro do círculo e a roda, a suástica remonta incontestavelmente aos tempos pré-históricos, e, de nossa parte, vemos esse signo ainda, sem qualquer hesitação, como um dos vestígios da tradição primordial” (pp. 58 e 59).

Curioso registrar uma observação do mesmo autor: “existem diversas variantes da suástica, como por exemplo uma forma com braços curvos (com aparência de dois S cruzados), que vimos numa moeda gaulesa. Além disso, certas

figuras que só guardam um mero caráter decorativo, como a cercadura grega, são originalmente derivadas da suástica" (p. 58, nota, 11).

Esta última observação diz muito com a Magistratura de São Paulo, pois, como pode ser confirmado por quem quer que lá vá, o salão nobre do Palácio da Justiça de nosso Estado, além de trazer nas paredes o *fascies* (plural de *fascis*: grupo de lanças envolvendo um machado, símbolo da autoridade do Magistrado romano) e que veio a ser adotado pelo regime imposto por Benito Mussolini aos italianos, apresenta no alto das paredes nada menos do que a tal cercadura grega (o destaque está no original), que mais não é do que uma série de suásticas (com a dobra do braço para a esquerda) ligadas umas às outras.

Concluindo, resta anotar que, ao definir o símbolo que nos levou a estas considerações, o dicionário de Webster afirma que a palavra *swastica*, em

sânscrito, significa nada menos do que bênção, boa sorte. Segundo o mesmo dicionário, enquanto símbolo religioso, os braços estão dobrados, em ângulo reto, no sentido anti-horário, ao contrário do que ocorre com o símbolo do nazismo, quando o sentido era aquele horário. O Larouse atribui à palavra o mesmo sentido, informando, porém, que a destrógira se identificaria com a evolução e a felicidade, ao passo que a sinistrógira se referiria à involução, símbolo considerado "nefasto e destrutivo".

Guénon discorda disso, afirmando que originalmente encontram-se ambas as formas: "não nos referimos aqui ao uso inteiramente artificial da suástica, em especial por certos grupos políticos alemães, que fizeram dela, com total arbitrariedade, um signo de anti-semitismo, a pretexto de que esse seria o emblema conveniente para a pretensa *raça ariana*, o que não passa de pura fantasia" (ob. cit., p. 58, nota 8).